

Com carne suína, Embraer e BB, China faz aceno ao Brasil

Sergio Leo

País pode atender principais demandas do Brasil

O governo chinês decidiu anunciar que atenderá às principais demandas na pauta de reivindicações da presidente Dilma Rousseff, que chegou ontem à China para uma visita de Estado e dois fóruns internacionais. Alçada como prioridade no esforço para aumentar o valor agregado das vendas brasileiras à China, a Embraer recebeu sinal verde das autoridades chinesas para começar a produzir no país os jatos executivos Legacy 600, além da confirmação da compra e autorização de importação de 25 aeronaves comerciais EMB 190, além das dez adquiridas em janeiro - como adiantou ontem o Valor.

Os chineses também indicaram que permitirão ao Banco do Brasil transformar em agência bancária seu escritório de representação em Pequim, como informou ontem o presidente do banco, Aldemir Bendini, em seminário promovido na cidade pela Confederação Nacional da Indústria. O Banco do Brasil espera investir US\$ 30 milhões na nova agência, para apoiar negócios de brasileiros na China e faltam apenas trâmites burocráticos, informou Bendini. "Esperamos em breve estar em pleno funcionamento trabalhando com uma agência aqui", disse.

Além de credenciar três frigoríficos a vender carne suína diretamente ao mercado chinês, pondo fim a um longo período de restrição que obrigava os exportadores a vender por intermediários, especialmente de Hong Kong, a China sinalizou uma breve liberação de importações de frutas cítricas e de fumo da Bahia e Alagoas (únicos Estados produtores brasileiros ainda não autorizados a vender aos chineses).

"É positivo, um bom começo", disse o presidente da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína, Pedro de Camargo Neto. "Tínhamos apresentado 27 frigoríficos e já sabíamos que não iriam aprovar todos, mas, aos poucos, iremos conseguir ampliar a lista", comentou.

O Itamaraty chegara a ser informado de que seriam liberados dez dos 13 frigoríficos inspecionados pelos chineses há cinco meses, o que surpreendeu Pedro Camargo. Na noite de segunda-feira, saiu a informação final: seriam três, um em Goiás, da BrazilFoods, outro em Porto Alegre e outro no Nordeste. Argumentando que a liberação para carne bovina e de frango também começou com poucos frigoríficos e ampliou-se com o tempo, Pedro Camargo disse estar "satisfeito" e esperar, em um ano chegar a 20 frigoríficos autorizados a vender à China.

O embaixador do Brasil na China, Clodoaldo Huguene, disse acreditar que o governo chinês começa a perceber a necessidade de melhorar a qualidade das relações comerciais com o Brasil. "Temos superávit comercial com a China, mas é baseado em três commodities (soja, minério de ferro e celulose), assim não dá", queixou-se. Por determinação da presidente Dilma Rousseff, o governo tem procurado dar à visita presidencial um enfoque voltado a inovação, investimentos chineses no Brasil e aumento do valor agregado nos produtos vendidos pelos brasileiros aos chineses.

No fim da manhã de ontem, pouco depois de chegar em Pequim, Dilma recebeu o presidente internacional da gigante fornecedora do setor de telefonia, Huawei, Ren Zhengfei. Além de dar a Dilma um quadro de seda com a figura de um panda, símbolo de amizade para os chineses, Zhengfei, acompanhado de outros executivos da empresa, anunciou a decisão de construir um centro de pesquisas na região de Campinas, financiar troca de estudantes em tecnologia entre instituições de ensino superior dos dois países e montar no Brasil aparelhos usados pela empresa, um investimento total de US\$ 350 milhões.

Maior fornecedora para as concessionárias de telefonia no Brasil, onde o volume de vendas da empresa atingiu US\$ 1,4 bilhão, a Huawei doará, nos próximos dez anos, US\$ 5 milhões anuais para universidades de ponta no Brasil adquirirem equipamentos de computação de alto

desempenho. "Esse tipo de doação vai ajudar o treinamento dos talentos do país a ajuda na aplicação dos equipamentos no mercado", disse o presidente da Huawei para a América Latina, Like Li Ke.

A série de anúncios que acompanham a visita de Dilma incluem três contratos da Petrobras com as estatais chinesas Sinopec e Sinochem, considerados pelo presidente da estatal brasileira, José Sérgio Gabrielli, "normais, de mercado, com pouco dinheiro envolvido". Um dos contratos prevê entrada da Sinopec na exploração de plataformas na bacia do Maranhão e Pará, outro permitirá à Petrobras usar a tecnologia da Sinochem para aproveitar óleo de poços já bastante explorados. O governador da Bahia, Jacques Wagner (PT), também assinou um protocolo de intenções com a chinesa Red Dragon, subsidiária da Companhia de Cereais de Chongqing. O investimento inicial será de cerca de US\$ 200 milhões.

Governo quer atrair capital chinês para fundos de infraestrutura

O governo brasileiro deve discutir com a China a autorização para que investidores chineses possam aplicar em títulos de longo prazo e fundos de infraestrutura no Brasil, a serem criados com a regulamentação da Medida Provisória 517. A proposta, segundo informou o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Base (Abdib), Paulo Godoy, poderia canalizar parte da poupança de longo prazo chinesa ou mesmo os fundos soberanos do país para papéis atrativos financeiramente, emitidos por empresas brasileiras destinados a obras de infraestrutura no país.

"Não precisamos que a China vá ao Brasil investir em porto, precisamos é de funding (financiamento)", disse Godoy. Os investidores externos são isentos de imposto de renda na aplicação em papéis ou cotas de fundos de investimento majoritariamente dedicados a projetos de infraestrutura, de acordo com a medida provisória. "Os investidores não necessitarão operar os projetos, de portos, energia alternativa, aeroportos, apenas comprar títulos financeiros para financiar esses investimentos." Godoy informou que espera a aprovação e regulamentação da medida provisória a tempo de permitir o começo de operações desses fundos em 1º de maio.

Como outros empresários que acompanham a missão de pelo menos 200 executivos em visita à China durante a visita da presidente Dilma Rousseff ao país, Godoy atribui as dificuldades de exportação brasileira de produtos de maior valor agregado à China aos problemas internos do país, como o câmbio valorizado do real em relação ao dólar. "Não é fácil exportar à China, mas se o americano e o europeu exportam, temos de encontrar um caminho", comentou o diretor do Departamento de Promoção Comercial do Itamaraty, Norton Rapesta.

O Conselho Empresarial Brasil-China defende maior pressão do governo brasileiro sobre os chineses para retirar barreiras que hoje impedem maior agregação de valor aos produtos exportados pelo Brasil à China. Um dos problemas, segundo aponta o presidente do conselho, o ex-ministro do Desenvolvimento Sérgio Amaral, é a chamada escalada tarifária, que onera mais a importação de bens de maior valor agregado, como o óleo de soja, sujeito a tarifa de 9%, bem superior aos 2% do grão da leguminosa. O conselho reconhece, segundo Amaral, que é o setor do agronegócio, por sua maior competitividade, o que reúne maiores condições de exportar bens de maior valor à China.

"Tudo na China tem uma dimensão empresarial e uma de governo", comentou. "Precisamos do governo para ter maior previsibilidade nessa relação." Segundo Amaral, os sinais de maior receptividade do governo chinês às demandas brasileiras e os projetos de associação entre os setores privados dos dois países serão avaliados no segundo semestre do ano, quando se reunirá a Cosban, comissão de alto nível China-Brasil.

"A gente precisa saber, em cada setor, o que a indústria pretende fazer em 20 anos", argumentou o secretário-executivo do Ministério do Planejamento, Alessandro Teixeira. Para o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Robson Andrade, as condições de competitividade do Brasil impedem as tentativas de ampliar o valor agregado da maioria dos manufaturados a serem vendidos pelo Brasil à China.

"Da porta da fábrica para dentro somos competitivos, mas perdemos competitividade na razão inversa da valorização do câmbio", queixou-se o vice-presidente da Associação Brasileira de Máquinas, José Velloso Dias Cardoso, que também levanta suspeitas de irregularidades na competitividade chinesa. "Na China, o preço médio das máquinas é de US\$ 4 por quilo, menor que o custo da matéria-prima, e bem abaixo da média internacional, de US\$ 25", acusa.

"Estamos cercados de roubalheira, mas recuperamos três pontos percentuais de 'market share' (fatia de mercado) da concorrência neste ano, para 55% do total", disse o presidente da Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos (Abrinq), um dos setores beneficiados por medidas antidumping contra a China. "Não se pode dizer que não investimos, somos os maiores usuários do cartão BNDES, com US\$ 2 bilhões em financiamentos", ponderou o diretor-executivo da Associação Brasileira de Indústria Têxtil, Fernando Pimentel. (SL)

Aquisições do país asiático no mundo já somam US\$ 24,5 bi no trimestre

Assis Moreira

As empresas chinesas já fizeram aquisições de US\$ 24,5 bilhões no exterior no primeiro trimestre deste ano, quase metade do valor de todo o ano passado, ilustrando a política de Pequim de aumentar de maneira exponencial seus investimentos no estrangeiro.

Desde 2008, os chineses gastaram US\$ 166,1 bilhões com 939 aquisições de empresas no exterior, de acordo com o provedor de dados Dealogic, de Londres. Em comparação, no fim de 2005 a China tinha investimentos totais de US\$ 26 bilhões em 150 países.

Enquanto empresários brasileiros, acompanhando a presidente Dilma Rousseff em Pequim, dizem buscar investimentos chineses em áreas de valor agregado, a China continua concentrando as aquisições em setores como petróleo, gás e mineração, que representaram 72% do total investido até março.

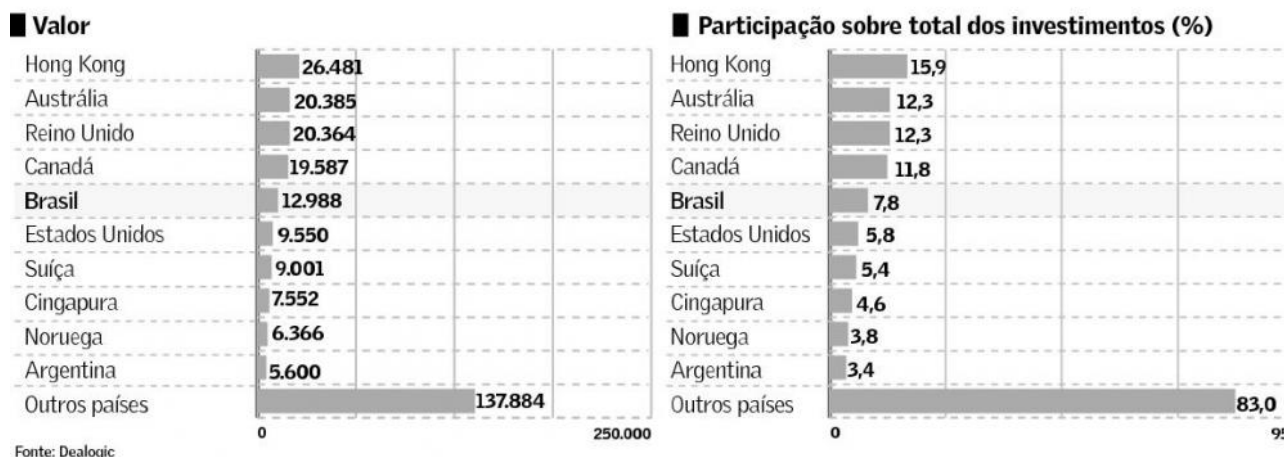
Globalmente, desde 2008 os chineses investiram apenas 2% do total em setor de tecnologia e 1,1% em siderurgia. Na medida em que a economia continua a crescer, Pequim enfrenta risco de escassez de matérias-primas, especialmente petróleo, minério de ferro, alumínio e urânio, e acelera os vínculos comerciais com a Austrália, Brasil, Rússia e outros países ricos de recursos naturais.

As aquisições chinesas no Brasil entre 2008-2011 foram de US\$ 12,9 bilhões, ou 7,8% do total. Mas analistas estimam que o valor é bem maior, já que boa parte dos investimentos é registrado através de Hong Kong, Caribe e outras áreas. Os investimentos chineses no exterior estão crescendo na contramão da queda global de Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE) desde a crise financeira de 2008. A ação chinesa é apoiada pelas gigantescas reservas internacionais de US\$ 3 trilhões

O governo de Pequim encoraja as empresas estatais a fazer aquisições no exterior, com recursos parcialmente financiados por taxas de juros altamente subsidiadas dos bancos públicos. Essa situação continua causando fricções, sobretudo quando os chineses concorrem com outras empresas para fechar negócios.

O vôo do dragão

Aquisições chinesas no mundo – 2008 a 2011 (US\$ milhões)



Em encontro, Brics tentarão aumentar uso de moedas próprias no comércio

A presidente Dilma Rousseff parte amanhã para o balneário chinês de Sanya para participar da reunião de dirigentes dos países denominados pela sigla Bric (Brasil, Índia, Rússia e China), que, nesta semana, se transformam em Brics, ao incluir no grupo a África do Sul, e demonstram, nas discussões preparatórias do encontro, a crescente dificuldade em conciliar seus interesses heterogêneos no cenário mundial.

Os brasileiros se esforçam para evitar uma ampliação do grupo, que ameaça diluir ainda mais a capacidade de ação conjunta, e têm sido frustrados na tentativa de obter da China um apoio mais explícito à reforma da Organização das Nações Unidas (ONU).

O grupo poderá anunciar o projeto de coordenação de seus bancos de desenvolvimento, como um primeiro passo para cooperação no apoio ao comércio e ao uso de moedas locais no comércio entre seus países. Hoje em torno de US\$ 300 bilhões anuais, esse comércio poderá ter como meta a elevação a US\$ 500 bilhões até 2015, na reunião em Sanya.

Muitas divergências apareceram, porém, durante as discussões preparatórias da reunião na China. A Rússia pediu aos parceiros apoio para presidir, a partir do ano que vem, o G-20, grupo das economias mais influentes, que tem se encarregado da coordenação dos esforços de controle das finanças internacionais. A presidência do G-20, hoje com a França já tem uma candidatura lançada para 2012, a da Turquia.

A China também tem se recusado a aprovar a inclusão, no texto da declaração final a ser assinada pelos presidentes, de menções explícitas à reforma das Nações Unidas com referências ao Conselho de Segurança da ONU, para o qual o Brasil (com Japão, Alemanha e Índia) reivindica um assento permanente. A entrada da África do Sul no grupo complica ainda mais uma ação coordenada do grupo nesse tema, já que os africanos querem também assento permanente no conselho, mas não têm posição unificada.

Marfrig se associa a duas grandes estatais

Apontada como um dos exemplos mais bem sucedidos de ingresso no mercado asiático, a Marfrig, uma das principais empresas de alimentos brasileiras, aproveitou a viagem da presidente Dilma Rousseff para anunciar, como fato relevante ao mercado, a associação de sua divisão Keystone, comprada em outubro do ano passado, com duas grandes estatais chinesas para instalação de seis centros de distribuição nas principais cidades chinesas e integração vertical para processamento de frangos destinados a restaurantes e cadeias de fast food na China.

A Keystone, conhecida como McKey na China, onde está há 20 anos e é maior fornecedora do McDonald's e KFC, participará com 40% do investimento de US\$ 252 milhões, em dez anos, em joint venture com a Cofco, a maior empresa de comércio exterior de alimentos da China. "Essa empresa vai ser a principal distribuidora de alimentos da China", disse o presidente da Marfrig, Marcos Molina. A outra joint venture, com a chinesa Chinwiz, terá 60% da Keystone num investimento de US\$ 57 milhões para processar na China asas de franco exportadas pelo Brasil. "É um produto com valor agregado sem intermediários que entregaremos direto ao restaurante", conta o executivo.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 12 abr. 2011, Primeiro Caderno, p. A4.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais